

A Cepal e a América Latina

DORIVALDO WALMOR POLETTO*

Resumo: Por ocasião do cinquentenário do “Manifesto” da Cepal, este artigo tem por objetivo abordar dois temas da relação Cepal-América Latina. O primeiro mostra o significado que a Cepal teve para a região e a segunda analisa a especificidade de sua contribuição teórico-metodológica.

Abstract: This article pretends, on the occasion of the fifties anniversary of the manifest of the “Economic Comission for Latin America and the Carribbean” (CEPAL), to develop two different subjects concerning the relationship between the CEPAL and Latin America: the first topic shows the importance of the CEPAL for Latin America and the second one, analyzes its theoretical and methodological contribution.

Palavras-chave: Cepal. América Latina. Pensamento social.

Key words: Cepal. Latin America. Social thinking.

Introdução

Comemora-se, neste ano, o cinquentenário do chamado “Manifesto” da Cepal, um documento preparado por Raúl Prebisch, intitulado “O Desenvolvimento Econômico da América Latina e seus Principais Problemas” e que é considerado o marco inicial da “escola” cepalina de pensamento.

Por tudo o que a Cepal tem representado para a América Latina, seria uma grande lástima se a data passasse em brancas nuvens. É para lembrá-la que *Estudos Íbero-Americanos* abre este espaço.

O presente artigo, todavia, não tem o propósito de analisar especificamente o referido documento histórico, mas tem por objetivo abordar dois temas relevantes, não superados pelo tempo ou pela realidade, da relação Cepal-América Latina.

* Professor do Programa de Pós-Graduação em História, FFCH-PUCRS.

No primeiro se pretende ressaltar o significado histórico que a Cepal teve para a América Latina e, no segundo, se procura fazer uma análise destacando seu aporte teórico-metodológico específico.

1 O significado da Cepal para a América Latina

A expressão América Latina, afirmam os historiadores, começou a ser empregada a partir da segunda metade do século passado. De imediato foram levantadas objeções:

“Para uns ela não explicita e não privilegia a maior presença da Espanha e Portugal na história da região. Para outros, ela não se refere aos índios, aos africanos, aos asiáticos e aos europeus não latinos tão importantes na vida desta parte do globo... Nos últimos 25 anos, com a independência, no novo mundo, de numerosos países de língua inglesa (Trinidad Tobago, Jamaica, Barbados, etc.) e de língua holandesa (Suriname), surgiu um novo problema de nomenclatura” (Aleixo, 1984, p. 20).

Além desse componente, outros fatores contribuíram para dificultar a identificação da América Latina como uma unidade sócio-econômico e cultural. Na verdade, seus grandes determinantes comuns, ou seja, o capitalismo e a dependência externa, não conseguiram tornar a região mais ou menos homogênea. A existência de certos traços culturais comuns como, por exemplo, o enraizamento histórico cultural, similar (Kols, 1985, p. 83) dos países não encobre as marcantes diferenças entre eles, em múltiplos aspectos. Existem os grandes, os médios e pequenos países. Porém, o tamanho não é fator mais relevante e sim a heterogeneidade das estruturas econômicas e sociais, que escalona os países num intervalo entre o maior e o menor desenvolvimento relativo.

Além de suas diferenças, os países latino-americanos mantinham uma baixa comunicação entre si, “salvo o pequeno intercâmbio de alguns produtos primários entre os países da América Latina Meridional” (Prebisch, 1964, p. 110). Em boa parte, isto se explica pelo fato de que as economias regionais ofereciam ao mercado praticamente os mesmos produtos.

A ausência de uma interação mais densa entre os países e a fragilidade de uma consciência latino-americana, pelo menos até os anos de 1950, são resultados da formação histórica da região.

Desde as suas origens, com uma economia agro-exportadora e, portanto, dependente das condições de mercado externo, os países latino-americanos sempre estiveram com suas atenções

